



2020

Discursos do Presidente da Liga dos Combatentes

ÍNDICE

(Clique na data para o discurso pretendido)

[01.01.2020](#) – Mensagem de Ano Novo

[04.04.2020](#) – Dia Nacional do Combatente

[07.09.2020](#) – Inauguração de Monumento Aos Combatentes, Vendas Novas

[10.09.2020](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes, Alte

[27.09.2020](#) – Inauguração de Monumento aos Combatentes do Ultramar, Zebreira

[05.10.2020](#) – Dia da Independência de Portugal (Castelo de S. Jorge), Lisboa

[10.10.2020](#) – Reabilitação do Monumento em Boulogne-sur-mer, França

[06.11.2020](#) – Heli Alouette II no Museu do Combatente

[11.11.2020](#) – Dia do Armistício da Grande Guerra

[13.12.2020](#) – Mensagem de Natal

MENSAGEM DE ANO NOVO 2020

1 de janeiro de 2020

TENENTE-GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Caros membros da Liga dos Combatentes; Caros Combatentes

Ano Novo é futuro.

Futuro é esperança.

Transformar a esperança em realidade positiva, exige trabalho, persistência e um forte acreditar.

Nós combatentes e nossas famílias, nós membros da Liga dos Combatentes, estamos como sempre estivemos, disponíveis para transformar a esperança em realidade.

O ano de 2020, é um ano especial. Será o último ano do nosso primeiro centenário.

Será mais um ano de intenso trabalho do qual temos esperança que iremos continuar a registar resultados positivos para os combatentes, suas famílias e para a nossa instituição.

Desde logo a continuação da luta para a publicação de um Estatuto do Combatente, em que o reconhecimento e a solidariedade, concedam benefícios sociais, económicos e de apoio a saúde que os dignifiquem;

A Realização do Planeamento das ações a levar a efeito para comemoração do nosso centenário, 2021 a 2024;

A Garantia da solução definitiva do grave problema do Princípio da Onerosidade aplicado de forma injusta, ilegal e imoral a Liga de Combatentes;

A Continuação da luta por um aprofundamento do apoio a saúde em todos os seus aspetos e apoio social aos Combatentes e famílias, com especial atenção para a minimização da pobreza.

Prosseguir o objetivo permanente de longo prazo: contribuir para a perenidade da Liga dos Combatentes.

Continuação do desenvolvimento dos seis Programas Estruturantes e Estratégicos da Liga dos Combatentes e que há anos vimos desenvolvendo com sucesso.

Caros membros da Liga dos Combatentes

Fazemos votos sinceros para que com a vossa ajuda a Liga dos Combatentes seja cada vez mais útil, visível e credível.

Que as nossas ações e o apoio do governo transformem o ano 2020, num ano de tranquilidade e felicidade para todos e que seja visível, o reconhecimento e a solidariedade do governo e

Assembleia da República para com aqueles que serviram o país em situações de conflito de extrema dificuldade e gravidade.

O nosso grito continuará a desafiar-nos e a incentivar-nos em todas as circunstâncias:

Liga dos Combatentes!

Valores Permanentes...

Liga dos Combatentes!

Em todas as Frentes...

Que esse grito nos ajude a alcançar, em 2020, os êxitos desejados. Um feliz ano 2020 para todos.

O presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA NACIONAL DO COMBATENTE

9 de abril de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor, Presidente da República e Presidente de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes; Exmo. Senhor, Ministro da Defesa Nacional e Vogal de Honra do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes; Exmo. Senhor, Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e Vogal de Honra da Liga dos Combatentes; Exma. Senhora, Secretária de Estado dos Recursos Humanos e dos Antigos Combatentes; Exmos. Senhores, Chefes do Estado Maior da Armada, do Exército, da Força Aérea e Vogais de Honra da Liga dos Combatentes; Exmos. Senhores, Comandante Geral da GNR e Diretor Nacional da PSP; Exmos. Membros do Conselho Supremo e Conselho Fiscal da Liga dos Combatentes; Exmos. Senhores, Presidentes dos Núcleos da Liga dos Combatentes e das Estruturas de Apoio Social, à Cultura e à Saúde

Membros e Funcionários da Liga dos Combatentes. Caros Combatentes

Hoje, 9 de abril, é Dia do Combatente. Motivos imponderáveis impedem-nos de evocar este dia da forma tradicional.

Hoje, porém, embora separados e confinados, sentimo-nos como sempre juntos, fazendo frente a um inimigo biológico invisível que ameaça todos os portugueses e a humanidade, num combate sem frentes e em todos os espaços.

Hoje, todos temos a real noção do que é combater sem armas, sem meios logísticos e meios humanos suficientes. Hoje, enquanto não for viável o contra-ataque, a estratégia é adotar a defensiva e jogar com o tempo, contendo e reunindo meios. Estamos todos na frente de combate cumprindo ordens legais e legítimas. Entretanto, como sempre, na frente ou na área de retaguarda, o serviço de saúde salva vidas.

As minhas primeiras palavras são, por isso, para homenagear os que já caíram e incentivar os que continuam a salvar vidas, os que trabalham arriscando a vida e os que se confinam para roubar ao inimigo a vontade de combater, derrotando-o. Felizmente até hoje a nossa Instituição tem-se mantido forte e os nossas Residências do Porto e Extremoz sem problemas. Continuemos lutando e aplicando corretamente os nossos Planos de Contingência.

Minhas senhoras e meus senhores, portugueses e portuguesas

Hoje, dia 9 de abril, nos santuários da Pátria, lugares de memória, em todo o país e no estrangeiro, em cerimónias simples, onde houver um Núcleo da Liga dos Combatentes, evocamos o dia 9 de abril de 1918, o primeiro dia da histórica e Batalha de La Lys, em França.

O Dia Nacional do Combatente

Dia em que o sofrimento, o heroísmo e a coragem, se misturaram com o desespero e o desalento. O guerreiro se cruzou com o prisioneiro. O abandono com a revolta. A segurança com a insegurança. O sangue com as lágrimas. A vitória individual com a derrota coletiva. A derrota tática

com a vitória estratégica. A boa com a má política. Comandos estrangeiros com comandos nacionais. Os heróis vivos com os heróis mortos.

Batalha de La Lys. Repositório de lições que uma vez aprendidas, jamais deviam ser repetidas. Não foi, porém, nenhum Alcácer Quibir. Ali não se perdeu independência. Ali, ganhou-se independência. Com o sacrifício de uma geração que hoje mais uma vez honramos e recordamos. Berçário e verdadeiro símbolo, síntese da História de um país, construído sobre vitórias e derrotas dos seus homens de armas, que soube sempre, de ambas, retirar as consequências, mantendo a sua identidade e a sua independência quase milenar. Acabada a guerra, os que nela se bateram, continuaram a sua luta para que os vivos fossem enaltecidos e os mortos fossem honrados.

Hoje evocamos os 102 anos desse momento histórico. Mas celebramos também os cem anos da primeira homenagem significativa aos soldados desconhecidos. Aconteceu, em 1920, em Inglaterra e na França, na Abadia de Westminster e no Arco do Triunfo, o que levou a apresentação no parlamento português da ideia de materializar, em Portugal, idêntica homenagem ao soldado desconhecido português da Grande Guerra. A discussão política que se seguiu quanto ao lugar onde colocar os restos mortais dos soldados desconhecidos vindos da França e de África. Se inicialmente se apontou para os Jerónimos e para o Panteão, ambos em Lisboa acabou por ser decidido, já em 6 de abril de 1921, que seria na Batalha, o que aconteceu a 9 de abril do mesmo ano. A Liga dos Combatentes, cuja fundação remonta igualmente a 1921, nunca mais deixou de honrar e evocar, em Portugal, o dia 9 de abril de 1918, como o Dia do Combatente.

Dia do Combatente em que para além de homenagearmos aqueles que participaram na guerra de curta duração que daria início a Época das Guerras Totais, homenageamos todos os Combatentes que serviram Portugal ao longo da sua História, nomeadamente aqueles que, como nós, fizeram uma Guerra Limitada de longa duração, com consequências físicas e psicológicas dramáticas para os combatentes e para o país, bem como aqueles que hoje, em Forças Nacionais Destacadas, servem Portugal e a paz no mundo. Quando refletimos sobre o significado histórico do lugar da Batalha, onde tradicionalmente evocamos este dia, e onde ao mult centenário mosteiro de Santa Maria da Vitória se juntou, de pé, em estátua equestre, D Nuno Álvares Pereira, se ergueu o monumento a Mouzinho de Albuquerque e se integrou o túmulo do soldado desconhecido, sentimos que há gerações e gerações de portugueses que um dia ali se reencontraram e se continuam a encontrar com a História de Portugal e reconheceram e reconhecem naquele espaço, um dos mais importantes lugares de memória do país.

Por isso, consideramos fundamental o que há anos vimos defendendo e propondo. A Batalha está, por um lado, em dívida para com os combatentes da guerra do ultramar, por outro lado, a Batalha merece completar o seu acervo histórico e arquitetónico, homenageando o esforço de mais uma geração, a geração da Guerra do Ultramar. Geração que, tal como em Aljubarrota, como na Restauração, protagonizou, durante 21 anos, uma das Batalhas Decisivas da História de Portugal. De facto, com a guerra do ultramar e o 25 de abril, como naqueles momentos Históricos, as forças armadas alteraram decisivamente o destino do país.

Minhas senhoras e meus senhores

Num momento em que em Portugal, ao nível da Assembleia da República, se desenvolvem trabalhos tendentes a aprovação de um Estatuto do Combatente em que se procura o consenso em sede de Comissão de Defesa Nacional, para a adoção de medidas sociais e económicas concretas de apoio aos combatentes, é momento para mais uma vez apelarmos, na pessoa do seu

Presidente Dr. Marco Perestrello, que tão bem conhece os problemas dos combatentes, pelas funções governamentais já desempenhadas, para que a solução final tome em consideração para além das propostas do governo e dos partidos, as propostas da Liga dos Combatentes e outras associações, dela resultando a revisão da lei e medidas concretas de apoio à saúde, apoio social e económico. Se assim for, teremos uma verdadeira Lei do Reconhecimento e da Solidariedade e, finalmente, a reconciliação dos combatentes com o Estado e o seu reencontro com a dignidade que merecem. Apelamos a que se não perca esta oportunidade histórica, mormente o difícil momento que atravessamos.

Minhas senhoras e meus senhores

Neste último ano do primeiro século de vida da Liga dos Combatentes temos o orgulho e satisfação de afirmar que a Liga dos Combatentes está mais viva do que nunca e que o ano de 2019 foi, como anos anteriores, ano extraordinário em termos internos e internacionais. Não podemos, no entanto, deixar de testemunhar a nossa profunda preocupação com o ano 2020, quando face à atual conjuntura, é certa a perda de receitas próprias que nos conduzirão a situações difíceis de resolver e apontam para a necessidade de revisão orçamental e solicitação de apoios extraordinários.

Neste momento, para além do Estatuto do Combatente. outro problema vital nos ultrapassa e para o qual necessitamos de apoio urgente das mais Altas Entidades do Estado, nomeadamente do MDN.

Diz respeito a resolução definitiva da não aplicação do Princípio da Onerosidade à Liga dos Combatentes. Desde 2014 que afirmamos com fundamento, ser ilegal, injusto e imoral, o Ministério das Finanças de três governos, tentar aplicar tal lei à Liga dos Combatentes, uma instituição que preserva a cultura, a saúde e o ensino, instituições isentas por lei do princípio da onerosidade. Há cinco anos a esta parte, que continuamos sendo, de forma diversa e descoordenadamente, solicitados pelo MDN e pelo MF para pagamento de 800 mil euros anuais por renda de seis imóveis, sedes e núcleos museológicos de Núcleos e que há décadas foram cedidas à Liga por protocolo com o Exército.

Seria entregar de volta ao Estado a subvenção anual que dele a Liga recebe, com óbvias consequências intoleráveis e inadmissíveis. Apelamos à isenção total da Liga, para os seis imóveis, que a Liga retirou do total abandono, recuperou e deu vida habitável e que são hoje sede de Núcleos da Liga dos Combatentes que preservam a história, promovem a cultura, a saúde e o ensino e são Núcleos Museológicos integrados no Museu da Liga dos Combatentes. Apelamos ao Presidente de Honra do Conselho Supremo da LC, Sua Exa o Presidente da República e aos vogais de Honra desse conselho, suas Exas o Ministro da Defesa Nacional, CEMGFA, CEMA, CEME e CEMFA e à senhora SERHAC para que apoiem as decisões unânimes da Assembleia Geral, Conselho Supremo, Direção Central, Direções dos Núcleos e Combatentes e ajudem, junto de quem tem poder de decisão nesta matéria, certamente o senhor Ministro das Finanças, a resolver este problema vital que se vem arrastando há anos. O apelo que fazemos é legal, justo e moral. Não se trata da insensibilidade deste governo, mas da máquina burocrática de três governos que semestralmente ataca com secas e dolorosas faturas, a alma, o espírito e o corpo dos que sete dias por semana, 52 semanas por ano, voluntariamente, promovem a História, a solidariedade, apoio mútuo e os valores superiores do país, preservam a cultura, a saúde e o ensino, numa Instituição de apoio aos combatentes e famílias, deficientes físicos, mentais e sociais, há um século. É altura de aprofundar o cumprimento do nosso Estatuto, onde se lê: “O Estado apoia a Liga dos Combatentes através do Ministério da Defesa Nacional”. Pedimos apenas que deixemos

de receber faturas e que dois desses imóveis, sedes dos Núcleos do Funchal e de Portalegre, deixem de constar da última lista publicada de património da Defesa Nacional a rentabilizar, já que não há forma mais digna de o fazer, do que servirem de casa dos Combatentes de Portugal. Acreditamos que ninguém estará interessado em criar condições de não sobrevivência ou de provocar a impossibilidade de cumprimento das missões da Liga dos Combatentes.

Minhas senhoras e meus senhores

Dentro de um ano, estaremos a comemorar o centenário da fundação da nossa instituição. Estaremos certamente a contribuir para a garantia da Perenidade da Liga dos Combatentes, no cumprimento dos seus objetivos estatutários de promoção dos Valores Superiores do País, da Segurança, da Paz, dos Direitos do Homem e da Solidariedade.

Termino com o Grito da Liga dos Combatentes:

*Liga dos Combatentes!
Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes!
Em todas as Frentes!*

Viva a Liga dos Combatentes,
Viva Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES EM VENDAS NOVAS

7 de setembro de 2020
GENERAL JOAQUIM CHITO RODRIGUES

Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Vendas Novas, Dr. Luís Dias; Exma. Senhora Presidente da Assembleia Municipal, D. Hermínia Viegas Henriques; Exmos. Membros da Assembleia Municipal e da Câmara Municipal de Vendas Novas; Exma. Senhora Presidente da Junta de Freguesia de Vendas Novas, Dra. Paula Valentim; Exmo. Senhor Comandante Militar de Vendas Novas

Exmos Convidados
Minhas Senhoras e meus Senhores. Caros Combatentes

Hoje, no dia da cidade, quis V. Exa Senhor Presidente, integrar nele uma cerimônia evocativa da história militar recente do país homenageando os que lutaram e os que caíram por Portugal nos conflitos que durante 21 anos fustigaram o país, na última metade do século XX.

Com especial atenção para os Combatentes de Vendas Novas.

Recordo o *briefing* em que V. Exa, na sede do Nucleo, há alguns anos, nos apresentou o vosso conceito e a vossa vontade relativamente a requalificação deste espaço. Prosseguiu esse objetivo com determinação e coragem, reunindo vontades e meios que permitiram o lançamento da primeira pedra, em 27 de outubro passado, com a presença do Vice-Presidente da Liga dos Combatentes Major General Fernando Aguda também hoje presente e do Vogal da Direcção Central Arquitecto Varandas dos Santos, autor do projeto de requalificação do espaço e criação do Monumento aos Combatentes do Conselho de Vendas Novas. Hoje, ausente por motivos pessoais. Mais uma verdadeira cooperação entre a Liga dos Combatentes e a Câmara Municipal de Vendas Novas, com o empenho, voluntarismo e profissionalismo do Arquitecto Varandas dos Santos e o apoio do Núcleo de Vendas Novas e do seu Presidente e Direcção. Não se trata, pois, de uma simples promessa cumprida.

Trata-se de um Plano estabelecido, de reunião de condições efetivas para a sua realização e que agora nos permitem congratularmo-nos com a obra feita. Obra que para além de proporcionar à cidade a melhoria ambiental envolvente, carrega em si um peso histórico e simbólico em que se enaltecem os valores superiores do país e dos feitos dos maiores, a quem um dia as circunstâncias da vida, exigiram dar cumprimento ao juramento feito de lutar pela Pátria e a ela dar a vida se necessário fosse.

Cidadania, afetividade e historia. Reconhecimento e gratidão. São sentimentos que percorrem hoje os nossos pensamentos, como acontece a nível local e nas populações sempre que por todo o país e no estrangeiro, se colocam lápides, se erguem padrões, se constroem monumentos, com a mesma finalidade de Reconhecimento. E estamos a atingir os quatrocentos monumentos espalhados pelo país e pelo estrangeiro.

Não podemos deixar de assinalar que esta atitude local, conjugada com a atitude da Liga dos Combatentes e outras associações, permite hoje, não termos apenas essa referência local, mas disfrutarmos, após 45 anos de luta, de um Estatuto que em termos de Reconhecimento, nos considera, a nós antigos combatentes, como Titulares do Reconhecimento da Nação.

Devemos finalmente regozijar-nos por isso. Foi opinião unânime da AR órgão máximo representativo da democracia e do povo Português.

Aguardamos que nos próximos tempos passos semelhantes possam ser dados no campo da solidariedade revendo os suplementos de pensão e as pensões de pobreza de muitos combatentes as quais o estatuto agora publicado, não contemplou.

Senhor Presidente da Câmara, meus Senhores e Minhas Senhoras

O Núcleo de Vendas Novas é hoje mais do que nunca, um dos representantes da história militar da cidade e merece todo o apoio para poder contribuir para a garantia, da honra aos mortos e da dignidade dos vivos.

Tive o prazer de ao longo dos anos ter vindo a ver melhoradas as instalações do Núcleo, tendo por três vezes mudado de instalações até chegar as atuais as quais com o apoio de V. Exa têm sido melhoradas. É justo, por isso neste dia festivo da cidade agradecer toda a compreensão e apoio que lhe tem merecido o Núcleo de Vendas Novas da Liga dos Combatentes e a causa dos combatentes.

Encontramo-nos hoje com um aspeto diferente de outros momentos. Protegendo-nos com máscara, afastamo-nos fisicamente e embora dominando o receio, mantemo-nos desde já seis meses apreensivos.

Felizmente, face aos cuidados havidos e aos planos de contingência estabelecidos os nossos membros tem passado sem problemas e as nossas Residências da terceira idade no Porto e em Estremoz, bem como a Creche e Jardim de Infância se têm mantido tranquilas. Não podemos, porém, baixar guarda e todos os cuidados se devem manter. Uma palavra sentida de louvor às nossas estruturas de apoio à saúde e aos nossos Núcleos.

Fazemos votos para que Vendas Novas ultrapasse da melhor forma esta invisível, traiçoeira e persistente ameaça que persegue cada um de nós, dadas as suas características, em todo em qualquer lugar. Com cuidados, paciência e acreditando na ciência, ultrapassaremos esta crise sanitária e a consequente crise económica.

Uma palavra de confiança, conforto e de esclarecimento aos combatentes e famílias. Conseguimos neste estatuto uma série de benefícios no âmbito do reconhecimento. A maior parte deles carece de regulamentação. Acaba de sair a portaria que estabelece o modelo do Cartão do Combatente que um dia através do Ministério da Defesa Nacional, receberão em casa.

Importa ler o estatuto, bem como a posição da Liga sobre o mesmo e a portaria sobre o cartão do combatente já publicada e estar atento, mas ter a calma necessária para dar tempo a que o MDN desenvolva os trabalhos que a regulamentação exige. Importa ter em consideração que não compete à Liga dos Combatentes a execução de qualquer dessas tarefas ali estabelecidas e, algum esclarecimento deve ser procurado junto do Balcão Único da Defesa Nacional.

Felicitando mais uma vez todos os que nos proporcionaram a alegria de ver a cidade de Vendas Novas dotada de mais uma requalificação de um espaço, Este, evocando os valores superiores do país, já que se eterniza em pedra rija a memória dos Vendas Novenses que cumpriram a Pátria de

Miguel Torga: lutaram ou caíram por um “pedaço de terra defendida”. Por isso não são esquecidos na morte. Terminei dedicando-lhes um poema meu intitulado:

O CALOR DAS PEDRAS FRIAS

*Aos que tiveram a honra e a sorte
De não serem esquecidos na morte
Resta seu nome em pedra e verniz
Lembrados pela força e pelo porte
Que puseram ao serviço do país*

*Forma camarada, simples, feliz
Que os vivos têm de se expressar
É como plantar árvore de raiz
De tempos a tempos nela rezar
Pelos valores profundos de Avis*

*Numa pedra branca, negra, macia
Por mais quente que faça sempre fria
Cabe aos vivos o sopro de calor
Quando com saudade e profunda dor
Junto a ela desfazem sua nostalgia*

Parabéns à cidade de Vendas Novas. Parabéns ao seu Presidente da Câmara Dr. Luis Dias.

Viva a Liga dos Combatentes!
Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES EM ALTE

10 de setembro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. João Gomes Cravinho, Excelência; Exmos. Senhores Deputados à Assembleia da República; Exma. Senhora SERHAC Prof^o Dra. Catarina Sarmento e Castro; Exmo. Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada Almirante António Calado; Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Loulé Dr. Vítor Aleixo; Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Alte António Martins; Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas; Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Loulé da Liga dos Combatentes

Exmos. Convidados

Caros Combatentes. Minhas Senhoras e Meus Senhores

Alte, centro geográfico do Algarve, entre o Barrocal e a Serra, junta-se hoje, com esta cerimónia, ao Reconhecimento que o Portugal profundo vem fazendo, nos últimos anos, do cumprimento de um dever dos militares que tiveram que tomar parte no conflito do ultramar que durou 21 anos, com sacrifício, risco permanente da vida, perda da liberdade e luto de muitas famílias.

Espalham-se pelo país e pelo estrangeiro, lapides, padrões e cerca de quatrocentos monumentos erguidos com a mesma finalidade e o mesmo sentimento que nos une hoje aqui. Testemunhar o respeito. Marcar publicamente o apreço e gravar na pedra e no ferro a perenidade da gratidão e da memória dos que lutaram ou caíram por Portugal.

Mas hoje, e após 45 anos, por coincidência com a presença de Sua Exa o Ministro da Defesa Nacional, o sentimento que percorre os combatentes, tem uma cambiante, é mais forte, mais sentido, mais tranquilo e permite, finalmente, aberto e generalizado regozijo.

O Governo e a Assembleia da República, verdadeiro berço representativo da democracia e do povo português, publicaram recentemente em Lei o Reconhecimento público que consideram ser devido aos Combatentes da Guerra do Ultramar. O novo Estatuto dos Antigos Combatentes, no que diz respeito ao Reconhecimento, deve ser considerado pelos combatentes um documento Histórico. Os combatentes da guerra do ultramar são hoje expressamente Titulares do Reconhecimento da Nação. Por isso, o sentimento que envolve a inauguração de hoje, em Alte, ultrapassa o Portugal profundo e vesse reforçado pelo acordo unânime entre o governo e as diversas forças políticas da Assembleia da República e adquirindo assim, a força de Reconhecimento Nacional.

Ao reconhecimento finalmente conseguido, os Combatentes respondem com a força de igual reconhecimento e fazem votos para que em futuro próximo possa igualmente ser-lhes garantida a melhoria do apoio a saúde física e mental nomeadamente no Hospital das Forças Armadas e apoio social, aprofundando a solidariedade, que lhes é devida, melhorando os suplementos de pensão e as pensões de pobreza de muitos combatentes, benefícios não englobados no recente estatuto.

Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Alte felicito pela corajosa iniciativa bem materializada com o conceito e obra do escultor que igualmente felicito. Não importa a dimensão dos lugares. Importa sim a dimensão das pessoas e os seus valores.

O meu agradecimento ao senhor Presidente da Camara de Loulé pelo convite e pelo permanente e incondicional apoio sempre dado ao Núcleo de Loulé da Liga dos Combatentes a cujo Presidente Manuel Almeida Costeira aqui presente dirijo uma palavra de saudação fraterna e um agradecimento pelo apoio prestado a esta cerimónia.

Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Gomes Cravinho, num tempo de pandemia, que preocupa o país e em que a Defesa Nacional e as Forças Armadas têm estado profundamente empenhados no apoio a resolução deste grave problema sanitário, permita que aproveite a sua presença, e que igualmente lhe transmita e publicamente agradeça o incedível empenho de toda as estruturas de saúde e sociais da Liga dos Combatentes e dos Núcleos espalhados pelo país, nomeadamente o Núcleo de Loulé , com o seu Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social, os quais em ligação permanente com os órgãos de saúde locais têm, com base em diretivas e diversos planos de contingência elaborados, conseguido manter praticamente incólumes os nossos membros, sendo de salientar a tranquilidade até hoje vivida nas residências de terceira idade do Porto e de Estremoz, bem como na creche e jardim de infância.

Sabemos que não podemos baixar a guarda, mas é com orgulho que transmito a Va Exa que felizmente até hoje os quadros da nossa instituição têm cumprido superiormente o seu dever e vimos vencendo a pandemia. Se algum de nós cair temos a certeza que a Liga dos Combatentes não cairá.

Uma palavra de confiança, conforto e esclarecimento aos combatentes e famílias. Conseguimos no estatuto do combatente agora publicado, uma série de benefícios no âmbito do reconhecimento.

A maior parte deles carece de regulamentação. Acaba de sair a portaria que estabelece o modelo do cartão do combatente que um dia através do Ministério da Defesa Nacional, receberão em casa.

Importa ler o estatuto bem como a portaria do cartão do combatente, já publicada e estar atento, mas ter calma necessária para dar tempo a que o MDN desenvolva os trabalhos que a regulamentação da Lei exige. Importa ter em consideração que não compete à Liga dos Combatentes a execução de qualquer das tarefas ali estabelecidas e algum esclarecimento deve ser procurado junto do balcão Único da Defesa Nacional.

Congratulo-me com mais este oásis de valores que neste espaço, Alte passa a apresentar a partir de hoje a Portugal, ao Algarve, aos seus habitantes e à sua juventude. Valores que estão bem na linha do grito da Liga dos Combatentes:

*Liga dos Combatentes, Valores Permanentes
Liga dos Combatentes, Em todas as Frentes.*

Termino com um poema meu que dedico às Mães de Alte que deixaram seus filhos ir para a guerra e regressaram á serra, intitulado:

No Horizonte

*Deixei meu filho ir p'ro mar
Ir p'ra longe da terra... lutar
Deixei meu filho ir p'ro mar
Poderá não voltar!...*

*No cais
Muitas Mães a chorar
Deixaram seus filhos ir p'ro mar*

*Não vão só
Vão em vapor militar
Vão p'ra longe da terra. Lutar!*

*Volto a serra
Volto ao monte
Deixei meu filho ir p'ro mar
Continuo a vê-lo no Horizonte*

Parabéns à Freguesia de Alte. Parabéns ao seu Presidente, António Martins.

Viva a Liga dos Combatentes! Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

INAUGURAÇÃO DE MEMORIAL AOS COMBATENTES EM ZEBREIRA (IDANHA-A-NOVA)

27 de setembro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Idanha a Nova, Armindo Jacinto; Exmo. Senhor Presidente da União de Freguesias Zebreira-Segura, Jorge Manuel Pinto Fonseca; Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Castelo Branco da LC, Coronel Alfredo Gonçalves

Exmos. Convidados

Caros Combatentes presentes. Minhas Senhoras e meus senhores

Hoje, como já aconteceu no presente mês, em Alte, no Algarve, e em Vendas Novas, no Alentejo, Zebreira, na raia da Beira Baixa, junta-se com esta cerimónia, ao Reconhecimento que o Portugal profundo vem fazendo, nos últimos anos, do cumprimento de um dever dos combatentes que tiveram que tomar parte no conflito do ultramar e que durou 21 anos, de 1954 a 1975, com sacrifício, risco permanente da vida, perda da liberdade e luto de muitas famílias. Espalham-se pelo país e pelo estrangeiro, lápides, padrões e cerca de quatrocentos monumentos erguidos com a mesma finalidade e o mesmo sentimento que nos une hoje. Testemunhar o respeito. Marcar publicamente o apreço e gravar na pedra e no ferro a perenidade da gratidão e da memória dos que lutaram ou caíram por Portugal. Nasceram de baixo para cima, do povo, de forma espontânea, sem diretivas políticas superiores, ou orientações arquitetónicas controladas. São a inspiração artística de um tema dramático: evocação dos cidadãos da terra, aos cidadãos que sofreram a guerra.

Mas hoje, e após 45 anos, o sentimento que percorre os combatentes, é mais forte, mais sentido, mais tranquilo e permite, finalmente, aberto e generalizado regozijo. O Governo e a Assembleia da República, verdadeiro berço representativo da democracia e do povo português, publicaram recentemente em Lei, o Reconhecimento público que consideram ser devido aos Combatentes da Guerra do Ultramar.

O novo Estatuto dos Antigos Combatentes, no que diz respeito ao Reconhecimento, deve ser considerado pelos combatentes um documento inédito e importante. Os combatentes da guerra do ultramar são hoje expressamente Titulares do Reconhecimento da Nação. Por isso, o sentimento que envolve a inauguração de hoje, na Zebreira como já aconteceu recentemente em Alte e Vendas Novas, ultrapassa o Portugal profundo e vesse reforçado pelo acordo unânime entre o governo e as diversas forças políticas da Assembleia da República e adquirindo assim, a força de Reconhecimento Nacional.

Os Combatentes fazem agora votos para que em futuro próximo possa igualmente ser-lhes garantida a melhoria do apoio a saúde física, mental e social, aprofundando a solidariedade, que lhes é devida. Que seja garantido apoio médico e medicamentoso, o acesso ao HFAR, que sejam revistos os suplementos de pensão não contemplados no Estatuto e revistas as pensões de pobreza dos combatentes para o vencimento mínimo.

Senhor Presidente da Junta de Freguesia da Zebreira

Felicito pela corajosa iniciativa bem materializada neste monumento, com o conceito e obra do escultor que igualmente felicito. Nós combatentes e fundamentalmente nós, Liga dos

Combatentes, e as entidades municipais, das câmaras as freguesias e as respetivas populações, demos origem neste século, a um fenómeno, cuja dimensão e dinamismo nos são devidos e surpreendem os mais esclarecidos e provoca reações inusitadas e aberrantes de minorias.

De facto, desde o início da guerra de 1954, data dos primeiros mortos na Índia, até ao ano 2000, em 46 anos, foram erguidos 58 monumentos em homenagem aos combatentes do ultramar, ou seja, em média, pouco mais do que um monumento por ano. Do ano 2000 até hoje, nos últimos 20 anos, portanto, foram erguidos 350 novos monumentos, ou seja, em média mais de dezassete monumentos por ano.

A força simbólica de verdadeira expressão popular a “descentralização do fenómeno, a escala e a dispersão geográfica do processo de monumentalização” impressiona analistas que começam a debruçar-se sobre o mesmo. Alguns de forma crítica, porque entendem que sendo a monumentalização, um dos processos de memorização da guerra, consideram que estes monumentos “não dialogam com o passado colonialista” e possibilitam apenas um “espaço para a partilha das nossas memórias e testemunhos”. Não. Eles expressam sentimentos que alimentam a nossa própria idiosincrasia.

Somos de facto “empreendedores de memórias”, mas não recusamos a valorização da nossa história, e não estamos com os que consideram este fenómeno, como um “nacionalismo banal” e se entretém a analisar o simbolismo usado como indícios laudatórios da “mística imperial” e saudosista e alimentam atos de vandalismo. Não. Somos autênticos, ao expressar os nossos sentimentos. Mas não nos compete fazermos com estes padrões a interpretação de um ou do outro lado da história.

Honramos, e conservamos, simplesmente, mas com convicção e respeito a memória dos nossos combatentes mortos e lutamos pela dignidade dos vivos. Mais uma vez a vossa força interior expressa-se, como em todo o Portugal, com a frase simples, mas muito profunda que encima este monumento: Homenagem aos Combatentes. Mantenham-no. Preservem-no. Defendam-no. Expliquem-no aos vossos filhos, netos e bisnetos. Será a melhor forma de lhe garantir a perenidade.

Minhas senhoras e meus senhores

Num tempo de pandemia, que preocupa o país e em que a Defesa Nacional e as Forças Armadas têm estado profundamente empenhados no apoio a resolução deste grave problema sanitário, permitam que igualmente vos transmita o incedível empenho de toda as estruturas de saúde e sociais da Liga dos Combatentes e dos Núcleos espalhados pelo país, nomeadamente o Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social, da Beira Interior, os quais em ligação permanente com os órgãos de saúde locais têm conseguido, com base em diretivas e diversos planos de contingência elaborados, manter praticamente incólumes os nossos membros, sendo de salientar a tranquilidade até hoje vivida nas residências de terceira idade do Porto e de Estremoz, bem como na creche e jardim de infância.

Sabemos que não podemos baixar a guarda, mas é com orgulho que transmito a V. Ex.^{as} que felizmente até hoje os quadros da nossa instituição têm cumprido superiormente o seu dever e vimos vencendo a pandemia. Se algum de nós cair, temos a certeza que a Liga dos Combatentes não cairá. Continuaremos apoiando os nossos membros e famílias e a garantir a perenidade da nossa instituição a qual evocara o seu centenário da sua fundação, no próximo ano de 2021.

Termino congratulando-me com mais este oásis de valores, que neste espaço, Zebreira, passa a apresentar a partir de hoje a Portugal, a Beira Baixa, aos seus habitantes e a sua juventude. Valores que estão bem na linha do grito da Liga dos Combatentes

Liga dos Combatentes! Valores Permanentes. Liga dos Combatentes! Em todas as Frentes...

Viva a Zebreira!
Viva a Liga dos Combatentes!
Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

DIA DA INDEPENDÊNCIA DE PORTUGAL, CASTELO DE S. JORGE, LISBOA

5 de outubro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Há precisamente um ano, neste mesmo local e pela primeira vez, evocamos aqui o Dia da Independência de Portugal. Abordei então o tema a Independência de Portugal e as Forças Armadas. Foi com gosto que aceitei também, fazer hoje mais uma intervenção. Direi, pois, algumas palavras sobre a Independência de Portugal e os Combatentes.

E a primeira questão que se coloca de imediato é interrogarmo-nos! - Mas que tipo de relação existe entre a Independência de Portugal e o Combatente?

É a História que nos responde, dizendo que a relação é óbvia, íntima e permanente, quer em tempo de paz, quer em tempo de guerra. Não houve século da História de Portugal em que isso não tivesse acontecido.

É que os momentos mais difíceis de luta pela independência de Portugal, tanto para a conquistar como para a manter, quer externa quer internamente, têm como principal ator, o combatente.

Experimentaram-no, D. Afonso Henriques, D. Nuno Alvares Pereira, os comandantes da Restauração, elogiou-o Camões ao afirmar que “não houve capitão que não fosse também douto e ciente” e julgou-o Mouzinho de Albuquerque ao afirmar, sintetizando, que “Portugal é obra de Soldados”.

Soldados ao serviço do Rei, até 1910. Data da implantação da República de que hoje mesmo evocamos o 110.º Aniversário. E fazemo-lo com a mesma tranquilidade de espírito e liberdade de expressão a que a democracia nos habituou. Soldados ao serviço e defesa da República, como hoje lhes determina a Constituição da República. Sempre disciplinados, subordinados a um regime ou uma política, algumas vezes revoltados com essa mesma política, provocando a rotura, outras vezes descontentes, mas mantendo ou restabelecendo uma disciplina consciente.

Combatentes que são imagem e emanção do povo português.

Povo que, desde Afonso Henriques com o brado comum “Mouros em terra, moradores às armas” chegou ao conceito da Nação em Armas, atribuindo a um serviço militar obrigatório a sua defesa, para hoje assumir, em termos constitucionais, ele próprio, a defesa da Pátria, deixando para os Combatentes, a Defesa da República, embora, no juramento, estes jurem servir e morrer por aquela, no âmbito da Defesa Nacional.

Talvez por isso, os portugueses, ao serem responsáveis constitucionalmente pela defesa da sua Pátria, para além de outras e inúmeras responsabilidades e dificuldades, por que passam, por vezes a sua própria sobrevivência, conduza a esquecimentos, deturpações e outras situações preocupantes relativamente aos que, dele imanando, têm por missão defendê-la.

O povo português, ou seus representantes, passam assim distraída ou conscientemente, a dar prioridade a outras situações menores, por que igualmente são responsáveis, e assistimos, não raras vezes, a um tratamento frágil da Pátria colocando em fragilidade a nossa soberania e a nossa independência. De facto, Pátria, que em termos constitucionais, como disse, compete aos portugueses defender, é bastante mais do que Torga nos revelou, ao afirmar que “Pátria é um

pedaço de terra defendida”. Prefiro completar esse conceito, com a definição que aprendi nos bancos da então Escola do Exército: “Pátria é um ideal nacional que vive impulsionado mais por valores morais do que por interesses materiais”.

A conjugação e aplicação destes dois conceitos são garantia da soberania e da independência nacional a níveis elevados. A sua deturpação ou aviltamento facilita a perda de soberania e ameaça a independência. Um pedaço de terra defendida com os suportes de um ideal nacional, não esquece a defesa de um território, que só os combatentes organizados podem garantir, nem que para isso tenham que passar à resistência, nem esquece os valores que esse ideal nacional motiva. Esquece, porém, os deveres da Pátria para com os combatentes. Nunca lhe define á priori as contrapartidas nem a recompensa da dádiva total que lhes exige quando necessário.

Minhas senhoras e meus senhores

Evocamos o dia da independência de Portugal. Afinal o dia da sua fundação. Foi escolhido para o efeito pela comissão organizadora o dia do Tratado de Zamora (5 de outubro de 1143) pelo qual Afonso VII de Leão reconhece seu primo D. Afonso Henriques como Rei. Quatro anos depois da Batalha de Ourique (25 de julho de 1139), acontecimento a partir do qual Afonso Henriques se considera Rei e os seus homens o aclamam como tal. O Tratado de Zamora, poderá assim ser considerado uma consequência diplomática e um reconhecimento de uma situação soberana já existente. Zamora será uma consequência da batalha de Ourique, quatro anos antes e justifica a operação, conjunta e combinada, quatro anos depois, (25 out 1147) da conquista de Lisboa. Ou seja, em oito anos materializou-se pelas armas e por via diplomática a independência de Portugal.

Parece-nos, pois, que se é comumente aceite que Portugal é obra de Soldados e Portugal se confunde com a fundação e ação do seu próprio Exército e em que um feito de armas e a diplomacia consequente se conjugaram dando origem a um país independente que ao longo da sua história jamais abandonaria esses dois fatores estratégicos para sobreviver. Ao evocarmos a independência de Portugal no dia do tratado de Zamora, nunca deveremos esquecer a evocação do acontecimento militar que lhe estará na origem nem o que imediatamente se lhe seguiu, com a conquista de Lisboa, com o apoio de diversas nacionalidades.

E foram tão fortes, tão significativos e de consequências tão duradouras que aqui estamos hoje, no Castelo de S. Jorge, então conquistado e junto à estátua representativa de quem o conquistou, Primeiro Combatente por Portugal. Se independência significa soberania e capacidade de decidirmos os nossos destinos, temos que constatar que voluntariamente já decidimos, há uns anos a esta parte, partilhar essa soberania, ou seja essa independência, com a Europa, com consequências positivas e outras negativas.

Estamos junto de um símbolo Nacional representando neste caso o nosso primeiro Rei. Mas o século XX viu nascer evocando a GG, 103 monumentos e evocando a Guerra do Ultramar 402 Monumentos, 350 dos quais nos últimos vinte anos, com uma média de mais de dezassete monumentos por ano.

Verdadeiro fenómeno, este processo de monumentalização da Guerra do Ultramar, de verdadeira expressão popular, de dispersão geográfica a nível nacional e na diáspora, que impressiona alguns analistas que começam a debruçar-se sobre o fenómeno e o processo. Alguns mesmo incentivados por uma União Europeia interessada em estudos de memórias cruzadas, políticas de silêncio, guerras coloniais e libertação em tempos pós-coloniais, financiando trabalhos de investigação.

Com esta orientação, alguns, de forma crítica, entendem que sendo a monumentalização, um dos processos de memorização da guerra, consideram que estes monumentos “não dialogam com o passado colonialista” e possibilitam apenas um “espaço de partilha das nossas memórias”. Não. Eles expressam sentimentos do povo e dos combatentes, que alimentam a nossa própria idiossincrasia. Somos de facto “empreendedores de Memórias”, mas não recusamos a valorização da nossa história e não estamos com os que consideram este fenómeno, como um “nacionalismo banal” e se entretêm a analisar o simbolismo usado como indícios laudatórios daquilo a que chamam “mística imperial” e saudosista.

Não nos surpreendem, pois, atos de vandalismo, como os que têm acontecido recentemente e veemente repudiamos. Não. Nós combatentes, somos autênticos. Os monumentos aos combatentes do ultramar, têm nascido e baixo para cima, do povo, de forma espontânea, sem diretivas políticas superiores ou orientações arquitetónicas controladas. São a inspiração artística de um tema dramático: -Evocação dos cidadãos da terra, aos cidadãos que sofreram a guerra.

Meus senhores e minhas senhoras

Hoje, como sempre, confirma-se, de certo modo, o que levou o Padre Antônio Vieira a afirmar que os combatentes cumprem o seu dever e a Pátria faz o que é costume. Acabamos de ver publicado o Estatuto dos Combatentes que de 1954-1975 se bateram no ultramar. Como Presidente da Liga dos Combatentes, não posso deixar de aproveitar esta oportunidade para reiterar a apreciação da Liga dos Combatentes sobre o mesmo, difundido no passado dia 26 de julho. Pela primeira vez após 45 anos a Assembleia da República, casa da democracia e máxima representante do povo português, com a concordância de todos os partidos, foi reconhecido no esforço, o sacrifício e o luto de cerca de um milhão de portugueses que diretamente e cerca de seis milhões, indiretamente, viveram e sofreram durante 21 anos de conflito armado no ultramar. Se o Reconhecimento, um dos objetivos defendidos pela Liga dos combatentes, era importante, a solidariedade para com os mesmos era fundamental. Neste aspeto, que abrange o apoio à saúde e o apoio social o estatuto ficou muito aquém do justo e desejado. O total reconhecimento e a fraca solidariedade deixaram em todos os combatentes um sentimento misto de alegria e de tristeza.

Sua Exa o Presidente da Republica promulgou a lei escrevendo que era o princípio de um caminho. Embora devesse ter constituído o fim de um longo caminho que percorremos desde há 45 anos, é fundamental que se acabe a obra, pois isso contribuirá para prolongar a vida a muitos combatentes. Lutaremos por isso.

Termino homenageando, neste dia em que celebramos a fundação e independência de Portugal, todos os homens e mulheres, combatentes, anónimos ou inscritos na história, conhecidos ou desconhecidos que um dia com o seu esforço, determinação e coragem ou com o seu sangue, contribuíram para os cerca de nove séculos de história de Portugal.

Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

REABILITAÇÃO DO MONUMENTO DE BOULOGNE-SUR-MER, FRANÇA

10 de outubro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Dr João Cravinho; Exmo. Senhor Maire de Boulogne-Sur-Mer Frederic Cuvillier; Exmo. Senhor Perfeito Louis Le Franc; Exma. Senhora SERHAC Prof Dra. Catarina Sarmiento e Castro; Exmo. Senhor CEME Almirante General Nunes da Fonseca; Exmo. Senhor Embaixador de Portugal em Paris DR Jorge Torres Pereira; Exa Reverendíssima o Bispo das Forças armadas e Forças de Segurança D. Rui Manuel Sousa Valério

Exmos. Senhores Generais

Entidades civis, militares e religiosas presentes. Ilustres Convidados

Minhas Senhoras e meus senhores

Hoje, em Boulogne-Sur-Mer, nesta cerimónia, somos tocados por três sentimentos: Estamos a evocar e respeitar a História, a prestar uma homenagem e a garantir condições para a perenidade de uma memória. Respeitamos e evocamos a História de quase nove séculos, em que as gentes de Boulogne apoiaram D. Afonso Henriques, primeiro Rei de Portugal, a conquistar Lisboa. Respeitamos e evocamos as gentes de Boulogne que há um século conviveram e apoiaram os soldados portugueses quando nesta área de retaguarda se organizaram logisticamente para apoiar seus camaradas nas linhas da frente, durante a Grande Guerra, na defesa do direito e da civilização, mas também da liberdade da França.

A História revela-nos, pois, extraordinárias relações entre Portugal e França, desde Boulogne como porto romano e a sua ligação à Lusitânia, até à cidade acolhedora de hoje. Estamos, como disse, prestando também uma homenagem aos soldados portugueses que caíram durante a Grande Guerra sobre solo francês, especialmente evocando 44 dos quais, morreram na área de Boulogne, em consequência de ferimentos recebidos, sendo inumados neste Cemitério Britânico de Leste.

Finalmente, estamos contribuindo para perpetuar uma memória que é comum a Portugal e à França, desde a sua origem, mas em que hoje recordamos os feitos de há um século.

Estávamos em 1935, dezassete anos após o fim da grande guerra, quando, por iniciativa de combatentes de Boulogne e alguns portugueses, há precisamente 85 anos, foi criada a Associação França-Portugal tendo como objetivos:

1. Desenvolver as relações entre França e Portugal.
2. Perpetuar a memória dos soldados portugueses mortos durante a GG sobre solo francês.
3. Organizar reuniões, instituir prémios e prosseguir as relações espirituais, intelectuais, literárias e artísticas entre os jovens dos dois países.

Por coincidência, objetivos que a Liga dos Combatentes e a Souvenir Français vêm prosseguindo há anos e serão materializados em breve, em protocolo já acordado entre o Presidente da Souvenir Français e Controleur General des Armées Serge Barcellini e o Presidente da Liga dos Combatentes.

A criação da Associação França-Portugal tendo como Presidente o senhor Georges Honoré e com Secretário-geral Charles Marchan, foi decisiva para que aqui estejamos hoje.

De facto, o objetivo fundamental da associação criada sob o regime da lei francesa de 1 de julho de 1901, foi perpetuar a memória dos soldados portugueses. Face à constatação de que estes militares se encontravam inumados dois a dois no cemitério militar de Boulogne-Sur-Mer, conceberam um projeto para dar a cada um dos restos mortais, uma campa individual e, simultaneamente, perpetuar a sua memória e dos seus camaradas mortos em França, erguendo e dedicando-lhe um memorial.

A Administração Municipal local acolheu favoravelmente a intenção, e em sessão de 5 de agosto de 1936, sob proposta do Maire Senhor Eugene Canu, foi atribuído um terreno no Cemitério de Leste, para permitir a exumação e a reinumação dos restos mortais, em campas individuais, ao mesmo tempo que um terreno era concedido no meio das sepulturas, para ser erguido um memorial.

A execução do projeto foi entregue a Pierre Drobecq, arquiteto diplomado. Monumento simples de bela pureza de linhas, composto por um bloco quadrangular, com uma ogiva em cada face e sobre o qual sobressai uma cruz, igualmente a quatro faces. Para a sua construção foi aberta uma subscrição para recolha de fundos. Cerca de duzentos e cinquenta subscritores, franceses e portugueses, entre empresas e indivíduos apoiaram.

Assinalo a participação da Amicale des Anciens Combatants, da Souvenir Français, de diversas entidades militares e civis de Boulogne, da Liga dos Combatentes, Sociedade de Geografia de Lisboa e individualmente permita-me referir alguns nomes como Pedro Cid, Cônsul de Portugal em Paris, Rui Pereira, Vice-Cônsul de Portugal, em Boulogne, Aristides de Sousa Menezes, Cônsul geral de Portugal em Anvers, Vitorino Nemésio, Alberto Mac Bride entre muitos outros. Construído o memorial por Empresa de Boulogne, foi o mesmo inaugurado em 17 de novembro de 1938. Há precisamente 82 anos.

Numerosas entidades francesas e portuguesas e associações e combatentes assistiram a expressiva cerimónia. Discursaram, Georges Honoré Presidente da Associação França- Portugal, M. Canu Maire de Boulogne, Pedro Cid Cônsul Geral de Portugal em Paris e o Ministro dos Antigos Combatentes e dos Pensionistas Champetier des Ribes que presidiu a cerimónia.

Passado algum tempo foi, com uma deferência especial do governo português e graças às solicitações da Associação França-Portugal, que os 44 soldados portugueses, enterrados neste cemitério, não foram exumados para serem transferidos para o cemitério português de Richebourg-l'Avoué.

Meus senhores e minhas senhoras

Hoje, condicionados por situações sanitárias adversas, que nos impedem uma reunião mais abrangente, reunimo-nos para assinalar e aprofundar estes três sentimentos que acabei de referir e que contribuem para garantir os objetivos definidos por aqueles nossos antepassados: nomeadamente perpetuar a memória dos soldados portugueses caídos em Boulogne e em França. O monumento, batido pelo tempo e pelas intempéries, ameaçava ruína. Durante uma dúzia de anos a Liga dos Combatentes solicitou apoios para que a dignidade deste espaço fosse garantida e a memória dos nossos soldados preservados. A Liga dos Combatentes recuperou o altar, mas não tinha meios para recuperar o monumento.

Foi agora possível, pelo apoio concedido à Liga dos Combatentes pelo Exmo. Senhor Almirante António Silva Ribeiro, digníssimo CEMGFA portuguesas, o que reconhecida e profundamente, em nome da Liga dos Combatentes, a que tenho a honra de presidir, muito agradeço. Esta ação de cooperação entre EMGFA e a Liga do Combatentes, está na mesma linha da realizada, em 2019, no cemitério e monumento de Aileu, em Timor.

Em meu nome e da Liga dos Combatentes agradeço igualmente à Marie de Boulogne-sur-Mer, na pessoa do seu Presidente, o interesse sempre demonstrado pela recuperação do monumento bem como, mesmo sem a presença de autoridades portuguesas, aqui virem em datas significativas honrando a memória dos soldados portugueses e deixando uma coroa de flores.

Os meus agradecimentos ao senhor Embaixador de Portugal em Paris e ao senhor coronel Adido de Defesa à Embaixada de Portugal em Paris, no apoio a toda esta cerimónia.

Os meus sinceros reconhecimentos a sua Exa o senhor Ministro da Defesa Nacional Dr João Cravinho por se ter dignado presidir a esta cerimónia.

Termino com os meus agradecimentos a todos quantos contribuíram para esta reabilitação, nomeadamente a firma que realizou a obra.

E aos que se dignaram estar presentes neste momento, em que, em Boulogne-sur-Mer, com o mesmo espírito com que há oitenta e dois anos franceses e portugueses ergueram este mausoléu, evocamos e contribuimos para a perpetuação dessa memória coletiva.

Viva a França!
Viva Portugal!

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

ALOUETTE III, UMA REFERÊNCIA SENTIMENTAL DE UMA GERAÇÃO DE COMBATENTES ENTROU NO MUSEU DO COMBATENTE

5 de novembro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

O dia 5 de novembro, previsto para a manobra de colocação de um Alouette III no Museu do Combatente, materializou um desejo profundo de muitos combatentes, quer por parte daqueles que em terra beneficiaram do seu apoio, quer dos que os pilotaram ou mantiveram operacionais.

A Liga dos Combatentes que várias vezes fez a proposta a Força Aérea, ainda os mesmos se encontravam operacionais, por decisão favorável do atual CEMFA general Joaquim Borrego, viu a sua proposta concretizada e cumpre agradecer-lhe.

A presença de um Alouette III no Museu do Combatente é para os combatentes do ultramar um motivo de regozijo. Por isso, foi natural que a Liga dos Combatentes fosse acompanhada por grupos de combatentes especialistas da Força Aérea que a ele estiveram ligados, de que destaco Jorge Ferraz e o seu grupo que sempre acompanharam e alertaram para o andamento da situação, manifestando forte desejo de ver o Alouette no Museu.

Igualmente o General Esteves Araújo e General Cruz se interessaram pelo problema. O acordo do Presidente da Liga, com o senhor general CEMFA que teve que afastar um Alouette de acordos internacionais assumidos, após o seu abate operacional, permitiu fixar, no início do ano, a data de 11 de novembro, em que a Liga evoca o fim da GG, em Belém, como a mais significativa para a sua inauguração, já que é uma cerimónia de grande significado e que permitiria reunir todos os que desejassem estar presentes.

A pandemia, porém, ameaçou esse objetivo, e há dois meses o Heli ainda se encontrava muito longe de estar recuperado e sem condições de ser colocado no Museu. Deve-se às orientações dadas pelo CEMFA General Joaquim Borrego, ao comando da BA11 e aos seus técnicos, a extraordinária recuperação em tempo recorde que permitiu termos hoje um exemplar do Alouette III, referência sentimental de cerca de um milhão de Combatentes, no Museu do Combatente.

Porquê? - perguntarão.

Porque o Alouette III os acompanhou nas operações mais difíceis, porque os colocou ou recolheu, os evacuou ou salvou, enfim, porque lhes deu a tranquilidade necessária para atuarem sabendo que se houvesse algum problema grave, o apoio para a evacuação, e por vezes apoio de fogo, ou mesmo logístico, seriam garantidos. Enfim porque fez parte das suas vidas na Guerra do Ultramar.

Era assim ideia de a Liga reunir os que mais estiveram ligados a operação e não só, em cerimônia evocativa. A declaração do estado de calamidade e depois do estado de emergência conduziu a diferentes hipóteses para a cerimónias de 11 de novembro, onde celebramos também o dia do Armistício e do Aniversário da Liga. A cerimónia realizar-se-á, mas apenas com a presença de onze entidades entre elas Sua Exa o Presidente da República.

Agradecemos a todos os que se interessaram e aos que na Força Aérea tornaram possível este objetivo. Os nossos profundos agradecimentos ao General Joaquim Borrego, ilustre Chefe do Estado Maior da Força Aérea.

O Coronel Pimenta, FA, membro da Direção Central, coordenou a operação de colocação do Alouette no Museu do Combatente.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

102.º ANIVERSÁRIO DO DIA DO ARMISTÍCIO DA GRANDE GUERRA, 99.º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA LIGA DOS COMBATENTES E 46.º ANIVERSÁRIO DO FIM DA GUERRA DO ULTRAMAR

11 de novembro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Exmo. Senhor Presidente da República Professor Doutor Marcelo Rebelo de Sousa
Excelência

É uma honra para a Liga dos Combatentes ter Va Exa decidido não querer deixar de estar mais uma vez connosco neste dia muito especial para os combatentes e para a nossa Instituição. Também muito especial para o nosso país, dados os condicionamentos que a situação de emergência sanitária exige. Os nossos muito sinceros agradecimentos.

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. João Gomes Cravinho; Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas Almirante Antônio Silva Ribeiro; Exma. Senhora Secretária de Estado dos Recursos Humanos e Antigos Combatentes Prof Dra. Catarina Sarmento e Castro; Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior da Força Aérea Joaquim Borrego; Exmo. Senhor Chefe de Estado-maior da Armada Almirante António Mendes Calado; Exmo. Senhor Chefe de Estado Maior do Exército General Nunes da Fonseca

Mais uma vez evocamos hoje três efemérides, celebrando a Paz. A Paz externa, a Paz interna e a Paz individual. Desde há um século que somos a única Instituição, com o apoio das mais altas entidades, a promover a evocação anual da Paz externa, resultante do Armistício da Grande Guerra. Celebramos hoje o 102.º aniversário. Somos igualmente a Instituição que, pela primeira vez e desde há anos, vem anualmente evocando a Paz interna, resultante do Fim da Guerra 1954-1975. E hoje celebramos o 46.º aniversário dessa Paz interna. Mas não há paz externa nem paz interna, se as mesmas não forem acompanhadas e suportadas pela Paz individual, resultante do sentimento de segurança, de justiça e bem-estar.

Nesta última vertente da Paz individual, há ainda um longo caminho a percorrer. Não temos por isso muito para comemorar, mas não podemos deixar de evocar e fortalecer a nossa centenária organização e lutar para melhor apoiar individualmente os nossos membros, para que possam não só evocar, mas também vir a comemorar com mais alegria, a sua Paz individual.

Não há melhor dia do que aquele em que evocamos a Paz externa, a Paz interna e lutamos por melhorar a Paz individual, como o do nosso próprio aniversário, como instituição, o qual no corrente ano, será o último do nosso primeiro século de vida. No corrente ano, esta evocação e celebração é feita com um misto de tristeza e de regozijo. De tristeza, porque durante todo o ano tivemos que condicionar as nossas vidas a uma ameaça permanente que nos roubou e rouba espaço de liberdade, tempo e saúde em termos individuais, coletivos e institucionais. De regozijo, porque foi possível não obstante todos os condicionamentos, termos connosco as mais altas entidades representativas do Estado português e das Forças Armadas. De regozijo, porque foi possível demonstrar que não obstante a situação vivida estamos determinados a não confinar a História. Muito obrigado Senhor Presidente por ter mantido a sua presença nesta simbólica, tradicional e histórica cerimónia. Por isso estamos aqui. O confinamento da História seria o confinamento das nossas próprias raízes. E sem raízes, não há caule, nem folhas, nem frutos. Com a História confinada não teríamos a imagem de nós próprios e não nos reconheceríamos no grande espelho da vida coletiva.

Finalmente porque em termos institucionais nos organizamos por forma a podermos afirmar que até hoje temos vindo, em termos sanitários, a enfrentar positivamente e sem problemas a ameaça pandémica, nas nossas estruturas culturais, de saúde e sociais, nomeadamente nas residências para a idade de ouro. Dirigentes e técnicos espalhados pelo país tem cumprido exemplarmente as nossas missões, pelo que merecem da nossa parte uma referência muito especial pelo êxito da sua dedicação permanente e voluntária.

Não posso deixar, porém, de referir que tendo hoje 120 funcionários, 60 técnicos e cerca de 650 dirigentes, nos vimos confrontados com uma situação anómala resultante de uma redução dramática de 75%% das nossas receitas próprias. Sem aplicação do lay off, sem apoios complementares, continuando a garantir até agora os postos de trabalho e os vencimentos, necessitamos a todo o custo que as nossas propostas de apoio orçamental sejam atendidas e contempladas por parte do Ministério da Defesa Nacional, a quem o Estado confiou o nosso apoio.

Exmo. Senhor Presidente da República

Face ao estado de emergência em que vivemos estamos reduzidos em número, mas milhares de portuguesas e portugueses, combatentes e famílias, fazem cerimónias nas mesmas condições em todo o país e no estrangeiro. Estão, pois, connosco. Embora de forma condicionada, estamos hoje, como estivemos já no dia do Combatente, a 9 de abril, na Batalha, na Avenida da Liberdade e em todos os núcleos do país. Como estivemos, neste simbólico, histórico e abrangente espaço, no dia 29 de maio, evocando o dia Mundial dos Capacetes Azuis da ONU, Dia das Operações de Paz e Humanitárias.

Como estivemos em 10 de outubro, em França, na companhia do senhor Ministro da Defesa Nacional e Senhora Secretária de Estado dos Antigos Combatentes e o apoio do senhor Almirante CEMGFA, na cerimônia de reabilitação do Monumento e do cemitério de Boulogne-sur-Mer.

Enfim, como estivemos recentemente no Portugal profundo, em Alte, Vendas Novas, Zebreira, Valado de Frades, Lagoa e Aveiro, inaugurando monumentos de homenagem aos combatentes do ultramar. Não se vandaliza a História. Conservam-se as memórias. Muito obrigado Senhor Presidente da Republica pelo exemplo dado em Coimbra, junto de um dos nossos simbólicos monumentos.

O ano em curso foi marcado pela publicação do Estatuto do Combatente. Trabalho marcante do governo e da Assembleia da República, 45 anos depois do fim do conflito. Reconhecimento histórico, por parte de todos os partidos, do sacrifício, do esforço e do luto de uma geração a quem foi politicamente determinado cumprir uma missão de guerra, durante 21 anos, de 1954 a 1975. Ficou porem algo significativo por atingir no âmbito da solidariedade.

Disse V. Ex.^a senhor Presidente da República na promulgação da Lei do Estatuto que estávamos perante o início de um caminho. Disse V. Ex.^a Senhor Ministro da Defesa Nacional, em Alte, que o Estatuto era o início de um processo. Disse V. Ex.^a Sr.^a SERHAC, quando a Liga dos Combatentes propôs que o orçamento de estado do próximo ano contemplasse a eliminação do IRS sobre os suplementos de pensão, que estávamos num processo jurídico contínuo.

Temos por isso esperanças que o caminho seja curto e o processo célebre, já que o caminho da vida a percorrer pelos combatentes do ultramar, é ele já de si, muito curto, e o caminho

percorrido, embora com Paz externa e Paz interna não proporcionou a Paz individual e coletiva desejáveis. Não esquecemos os nossos combatentes em geral, nem, em particular, os nossos membros deficientes físicos, mentais e sociais que protegemos e que nos impõem o dever moral de sublinhar a necessidade de rever a Lei 3/2009, por forma a:

Aprofundar o apoio social:

- Revendo o suplemento especial de pensão e acréscimo vitalício de pensão dos combatentes;
- Revendo as pensões de pobreza dos combatentes;
- Isentando do IRS os respetivos suplementos de pensão;

Aprofundar o apoio a saúde:

- Proporcionando apoio médico e medicamentoso;
- Permitindo acesso ao HFAR;

Medidas que a efetivarem-se, de acordo com as possibilidades do país, por justas que são, trarão consigo finalmente a reconciliação dos Combatentes com o Estado e uma mais tranquila Paz individual e coletiva. Igualmente, não posso deixar de assinalar que continuamos aguardando a total resolução do problema relativo ao princípio da onerosidade.

Exmo. Senhor Presidente da República

Hoje, no Museu do Combatentes, inauguraremos duas exposições permanentes, duas temporárias e acrescentaremos duas peças ao acervo do nosso Museu, muito significativas para os combatentes: um Helicóptero Alouette III, referência para um milhão de Homens, e um Torpedo da Marinha.

Agradeço ao Exmo. Senhor CEMFA e Diretor do Museu do Ar e Comandante da BA11 bem como ao Exmo. senhor CEMA e ao Diretor do Museu da Marinha, todo o apoio prestado que garantiu o melhoramento das novas exposições permanentes.

Agradeço igualmente ao Eng.º Vítor Cardoso a doação das suas obras que permitiram montar a sala Augusto de Castilho. Na outra exposição permanente assinalamos a evolução das Comunicações dando ênfase á Imprensa e a recuperação de material da Antiga e reconhecida Tipografia da Liga dos Combatentes bem como às Transmissões do Exército, no ano do seu 50.º Aniversário.

Teremos igualmente uma nova exposição de pintura de Domingos Camponês dobre a guerra do ultramar e uma exposição de escultura inédita de Ivone Dias Caipi, subordinada ao tema Os Caminhos do Combatentes. Termino deixando um voto profundo de melhoria da situação pandémica em Portugal e no Mundo e sublinhando numa homenagem final aos combatentes portugueses que há 102 anos caíram e aos que sobreviveram na Grande Guerra e a quem devemos a nossa própria existência, como Instituição, bem como a todos os que se bateram no conflito 1954-1975 e se bateram e batem nas Missões de Paz.

Vivam as Forças Armadas portuguesas! Viva Portugal.

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general

MENSAGEM DE NATAL

13 de dezembro de 2020

JOAQUIM CHITO RODRIGUES, TENENTE-GENERAL

Meus caríssimos amigos, membros da Liga dos Combatentes, dirigentes, funcionários, sócios e familiares.

O Natal deste ano 2020, parecendo querer ser diferente, face a fatores externos que não controlamos, continuará a ser o mesmo Natal.

Por mais distantes que estivermos uns dos outros, de Chaves a Faro; do Funchal ao Porto Santo; de Ponta Delgada ao Pico; de Winnipeg a Macau; de Paris a Turlock; de Montreal a Timor; de Lisboa ao Maputo, enfim em qualquer lugar do mundo onde pulsar um dos nossos corações, estaremos irmanados dos mesmos pensamentos e valores. Valores da Paz, da Justiça, da Solidariedade, do Apoio Mútuo, da Família, enfim da nossa Liberdade como cidadãos do Mundo. Todos, faremos os mesmos votos de Bom Natal e Feliz Ano Novo, indiferentes as ameaças que nos rodeiem, quer sejam provocadas pelo homem, quer sejam oriundas da própria natureza.

Vivemos os últimos momentos, do último ano, do nosso primeiro século de vida, como Liga dos Combatentes. Temos orgulho dos nossos noventa e nove Natais que como instituição passamos. Não obstante alguns em tempo de guerra, alguns em tempo de ditaduras, outros em tempos de Pandemia, como acontece no ano ainda em curso.

O Natal, porém, é algo mais forte que nos arrasta para um sentimento de Paz e Amizade sejam quais forem as condições externas ambientais que nos fustiguem. Por isso, vivemos sempre o Natal. Há Natal sejam quais forem as circunstâncias que nos rodeiem. Não há entre nós confinamento que impeça o nosso convívio espiritual, por mais distantes que estejamos uns dos outros, e o nosso anseio comum de mais apoio a saúde e mais apoio social.

E se as condições permitirem estarmos mais perto fisicamente uns dos outros, certamente que nos apoiaremos e respeitaremos as medidas de segurança, como sempre fizemos em condições ainda mais difíceis.

Como Presidente desta nossa centenária instituição aqui vos deixo os votos de Boas Festas possíveis, na certeza de que o tempo, neste período de ameaça pandémica, corre a nosso favor e o vírus será controlado. Embora condicionados e impedidos dos nossos convívios, nunca estivemos tão unidos pela Força do Natal!

Demos por isso o Grito que ainda mais nos aproxima e reúne:

*Liga dos Combatentes! Valores Permanentes!
Liga dos Combatentes! Em todas as Frentes!*

O Presidente da Liga dos Combatentes
Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-general